

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA MULHER NA VIDA DA ESPOSA DO EMIGRANTE¹

Emilliane de Oliveira Matos²; Carlos Alberto Dias³; Agnes Rocha de Almeida⁴

REFLECTIONS ON THE WOMAN'S PLACE IN THE WIFE'S LIFE OF THE EMIGRANT

Resumo: No contexto emigratório internacional, a esposa do emigrante que permanece no país parece retroceder no campo das atribuições sociais. Muitas, na ausência do parceiro, reassumem integralmente o papel de mãe e dona-de-casa, deixando adormecido seu lado de mulher. Objetivando descrever as alterações sofridas na rotina da mulher, decorrentes da ida do parceiro para o exterior como emigrante, quatro delas foram estudadas em profundidade. Observou-se que o isolamento conjugal é responsável por situações de carência afetiva e sexual significativas. Na “inadequabilidade” de uma participação social mais ampla, limitam-se ao papel de dona-de-casa, tendo como único objetivo o cuidado dos filhos, do lar e, na melhor das hipóteses, dos investimentos do casal. A falta dos maridos é mais sentida quando seus filhos se tornam desobedientes ou apresentam algum problema de saúde.

Palavras-chave: Isolamento afetivo e sexual. Condição financeira. Parceira do emigrante.

Abstract: In the international migratory's context, the emigrant's wife who remains in the country seems to go back in the field of the social attributions. Many, in the partner's absence, reassume entirely the mother and housewife's role leaving their woman's side numb. Aiming to describe the changes suffered in the woman's routine out coming from the going of the partner abroad as an emigrant, 4 (four) of them were profoundly studied. It was observed that the isolation in marriage is responsible for situations regarding significant affective and sexual needs. In the “unsuitableness” of a wider social participation, they restrict themselves to the housewife's role, having as the only goal taking care of the children, home, and, at the most, taking care of the couple's investments. The absence of the husbands is more felt when their children become

¹ Artigo desenvolvido a partir de dados coletados na pesquisa *Ocupação e Modernidade: Processos de Territorialização no Vale do Rio Doce*, apoiada pela FAPEMIG, processo SHA APQ-6195-5.06/07.

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce e Bolsista de Iniciação Científica da FAPEMIG.

³ Doutor em Psicologia pela Université de Picardie Jules Verne/França, com experiência em Tratamento Clínico das Disfunções Sexuais. Professor do Curso de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Atua nas seguintes linhas no campo da pesquisa: (1) Subjetividade, representações e território e (2) Prevenção, promoção e acesso aos serviços de saúde. e-mail: cdias@univale.br

⁴ Psicóloga pela Universidade Vale do Rio Doce e Pós-graduada em Dependência Química e Outros Transtornos Compulsivos e em Gestão de Território e do Patrimônio Cultural pela mesma Universidade. Professora de cursos relacionados à disciplina Psicologia Organizacional nos cursos de Administração de Empresas e Gestão de Recursos Humanos.

disobedient or present some health problem.

Keywords:

Affective and sexual isolation. Financial condition. Emigrant's partner.

Introdução

O processo emigratório (definições)

O

processo emigratório constitui-se atualmente num fenômeno mundial caracterizado pela saída do sujeito de seu país de origem para viver no exterior, pelos mais variados motivos. Dentre eles, o que mais tem se destacado é trabalhar em empregos ou subempregos, objetivando a obtenção de salários superiores àquele recebido em seu próprio país. Essa meta é considerada por muitos como a única possibilidade para a melhoria de suas condições sociais ou de sua família.

É dado o nome de processo emigratório quando a pessoa sai de sua cidade de origem e vai à busca de novas possibilidades em lugares até então nunca visitados por ela. Estas, normalmente permanecem no país de chegada com um único intuito: trabalhar, ganhar dinheiro, adquirir bens e voltar para o país de origem com uma quantia significativa que lhe permita viver de maneira “tranquila” no campo financeiro.

O projeto de emigrar é sempre marcado pela idéia de retornar para o ponto de partida, adquirir bens e montar um negócio que permita auferir renda para manter a família ou melhorar o status social. Migrar, ganhar dinheiro no país de destino, retornar e investir para melhorar sua condição social ou até mesmo manter uma posição socioeconômica que estava perdendo, é a trajetória inicial da grande maioria dos emigrantes (SIQUEIRA, 2007, p. 2).

Para Fusco (1999) as migrações internacionais eram tradicionalmente caracterizadas como eventos masculinos, nos quais a mulher aparecia em minoria ou como simples coadjuvante. Isso se dava principalmente pelo fato de que alguns homens que partiam, estavam casados e constituíam família. A mulher, neste contexto, era deixada na cidade de origem para cuidar dos filhos, da casa e aguardar o retorno do marido. Estudo recente de Ripoll (2008) demonstra que esta, não é mais a realidade. Atualmente grande parte dos emigrantes são jovens solteiros possuindo em média 26 anos de idade, sendo 64% do sexo feminino e 36% do sexo masculino (RIPOLL, 2008, p.157).

1. O processo emigratório no contexto valadarense

A emigração no contexto valadarense serviu de base para inúmeros estudos voltados para esse fenômeno. Segundo esses, a cidade de Governador Valadares está em primeiro lugar quando se trata de fluxo de migrantes para o exterior. Um segundo dado importante que comprova essa tese é que o Brasil é o segundo maior receptor de moeda estrangeira dentre os países da América Latina, sendo que grande parte dessa remessa é destinada à cidade de Governador Valadares (SIQUEIRA, 2007).

O processo emigratório na cidade de Governador Valadares iniciou-se na década de 1960. Segundo Assis (1999), a cidade foi ampliando suas redes envolvendo outras cidades da região na década de 1980 e 1990. Esse fenômeno veio marcando sua identidade, sua história, e a daqueles que partiram e daqueles que esperaram o retorno do parente. Neste misto de relações, pessoas que nunca desejaram emigrar para o exterior acabaram por participar desse processo mesmo que indiretamente. Essa participação está relacionada ao apoio que essas pessoas dão aos filhos (as), namorados (as), amigos (as) e no caso deste artigo, aos parceiros. Estas pessoas contribuíram e contribuem para a realização efetiva de um sonho de melhoria de vida financeira, fazendo com que o sonho de emigrar se transformasse num projeto econômico, afetivo e familiar de grande impacto na cidade.

2. O processo emigratório e o distanciamento dos cônjuges

Na decisão de se tornar emigrante, as pessoas que optam pela ida para o exterior, deixam para trás famílias, empregos (caso tenham) e amigos. Enfim, o sujeito portador de uma história construída até então na cidade onde ele vive, é compulsoriamente forçado a viver uma ruptura com suas raízes, para melhor adaptar-se a um novo contexto cultural. Seu repertório de comportamento sofre mudanças significativas envolvendo desde a linguagem até o modo de manifestar suas emoções.

Constituindo-se o fluxo emigratório, em grande parte, de trabalhadores jovens do sexo masculino entre 20 e 34 anos, é de se esperar que grande número de filhos e esposas passe a aguardar o retorno do pai e do marido. A promessa inicial é a de que com o passar do tempo o parceiro emigrado adquira por meio de trabalhos realizados no exterior, recursos financeiros suficientes para que a esposa e filhos se juntem ao emigrado no país de destino. Mas, na realidade, essa meta vai ficando cada vez mais distante. Muitos emigrantes acabam por permanecer no exterior por

vários anos e as esposas e filhos lentamente são forçados, pelas circunstâncias, a conviverem com a distância do parceiro ou pai resignando-se à solidão (ALMEIDA; MACHADO; DIAS e BOECHAT, 2008; SCUDELER, 1999).

Essa dura realidade vivenciada por diversas mulheres incita a reflexão sobre a mulher adormecida por detrás de cada esposa. Esta se contenta em esperar o dia em que poderá novamente acordar e viver o sonho que, de certa forma, foi o primeiro motor de ter contraído o matrimônio. Ainda em função desse isolamento, não se sabe por quanto tempo é possível à mulher continuar adormecida, quando tudo o que se constrói no mundo chama a atenção para o fato de que homens e mulheres não nasceram para viverem como anjos, visto que, a despeito de qualquer valor, eles são, em sua essência, sexuados.

3. Os papéis assumidos pela esposa do emigrante

As esposas de emigrantes vivem sob condição de isolamento afetivo, sexual e social, significativamente elevado e rotineiro. Visto que seus maridos uma vez estando no exterior, o contato fica limitado aos meios de comunicação como telefone e internet, impossibilitando assim o contato íntimo entre os cônjuges. Tal impossibilidade impede que a mulher vivencie dentro das leis do matrimônio relações nas quais ela possa sentir prazer junto ao parceiro.

Esse distanciamento fez com que os papéis das esposas dos emigrantes fossem redefinidos na contemporaneidade. Essas esposas que tinham como função atender os desejos do marido já não o fazem. Muitas que trabalhavam fora de casa, em decorrência da ausência do marido e fatores adversos, retornaram a condição de cuidadoras do lar e dos filhos por tempo integral, deixando adormecido o seu lado de mulher. Visto que a atitude de assumir em exclusividade papéis limitados, devendo substituir suas vivências afetivas e sexuais pelos cuidados com os filhos e ambiente doméstico faz-se necessário procurar responder a seguinte questão: Qual o lugar do *ser mulher*, na vida da esposa do emigrante?

Método

Este estudo, que tem por objetivo conduzir uma reflexão sobre o lugar do *ser mulher* na vida da esposa do emigrante, constitui-se em um recorte dos resultados parciais da pesquisa “*Ocupação e Modernidade: Processos de Territorialização no Vale do Rio Doce*”, iniciada em março de 2008

e finalizada em fevereiro de 2010. O objetivo geral do mesmo foi conhecer a realidade vivida por mulheres cujos parceiros residem ou residiram no exterior como emigrantes bem como a percepção das mesmas quanto as consequências do envolvimento da família no processo emigratório.

Para obtenção dos dados aqui apresentados foram realizadas entrevistas domiciliares semi-estruturadas com 32 mulheres residentes na cidade de Governador Valadares, através do método Bola-de-neve. O método “bola de neve” é definido nos seguintes termos:

O método consiste em identificar alguns elementos com as características para compor a amostra. Esses primeiros indicaram outros, que por sua vez, também fizeram outras indicações, até chegar a um número em que as informações e indicações começaram a se repetir. Segundo Becker (1993) a indicação feita pelos próprios indivíduos que compõem o universo pesquisado é um elemento importante para assegurar uma seleção mais impessoal e aumentar a relação de confiança do entrevistado para com o pesquisador (SIQUEIRA, 2006, p. 19).

O presente artigo, que procura fazer uma reflexão sobre o lugar do *ser mulher* na vida da esposa do emigrante, constitui-se num estudo qualitativo de corte transversal. Para sua elaboração foram tomados como referência dados fornecidos por quatro mulheres participantes da pesquisa, que se enquadravam nos seguintes desfechos: 1) O parceiro continua no exterior, a situação econômica apresenta contínua melhoria, e o casal, apesar do isolamento, permanece afetivamente unido; 2) O parceiro continua no exterior, a situação econômica continua precária, e o casal, apesar do isolamento, permanece afetivamente unido.

Procedimentos:

Antes de sua realização a pesquisa “*Ocupação e Modernidade: Processos de Territorialização no Vale do Rio Doce*”, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do parecer CEP/UNIVALE 34/2007.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas domiciliares, conduzidas com base num roteiro de entrevista estruturado. Em todas as entrevistas foi mantido um caráter informal, com o objetivo de se estabelecer um clima de empatia entre entrevistador e entrevistado, para que se pudesse alcançar um aceitável grau de veracidade nas respostas. As datas e horários das entrevistas foram definidos de acordo com a conveniência das entrevistadas.

A partir de banco de dados já existentes e de indicações, foram realizados contatos telefônicos com as possíveis participantes. Durante este contato, receberam informações sobre os objetivos da pesquisa e feito um convite à participação. Com aquelas que se prontificaram a participar, foram realizadas entrevistas domiciliares cuja duração foi em média 55 minutos. Antes de iniciar a entrevista, as participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa, das condições de participação, bem como de sua contribuição para a efetividade da pesquisa. Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e assinatura no mesmo iniciava-se a entrevista.

Com o consentimento das participantes, as entrevistas foram gravadas, com o intuito de se ter o registro de todo o material fornecido por elas, apresentando assim uma fidelidade quanto às suas falas, viabilizando o retorno ao material sempre que se fizesse necessário.

A partir do momento em que as entrevistas foram finalizadas, atendendo às expectativas dos oito desfechos apresentados, foram realizadas as transcrições das entrevistas para a apuração destas. A apuração dos dados foi realizada segundo a técnica da “Análise de conteúdo” (BARDIN, 2009).

Após leitura do material transcrito, as informações foram agrupadas em categorias e as falas foram analisadas, dentro de cada tema proposto para que a análise de conteúdo fosse realizada. O objetivo da análise de conteúdo, segundo Chizzotti (2000), é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente e as significações explícitas ou ocultas.

Resultados e Discussões

As entrevistadas selecionadas para este estudo possuíam em média 42 anos de idade e três filhos. Quanto ao grau de instrução, duas das participantes possuíam o primeiro grau e duas o segundo. Por não exercer atividade profissional fora do lar, todas se consideraram dona de casa. Das quatro entrevistadas, todas elas moravam com os filhos. Vale ainda ressaltar que o tempo médio de vida conjugal antes do ingresso do marido no processo emigratório é de 26 anos.

O grande tempo (8 anos em média) de permanência do parceiro no exterior induz à ideia de que tais mulheres estariam apresentando sofrimento emocional em decorrência da suspensão de sua vida sexual. Isto não é uma realidade, visto que em função do tempo de relacionamento e o comprometimento com o bem estar dos filhos por parte da maioria, faz com que as preocupações

sejam relativas ao futuro de sua prole. Neste aspecto, não foi evidenciado sentimentos de angústia no tocante ao distanciamento sexual. As queixas são relativas à ausência do parceiro para tomada de decisões práticas do dia-a-dia e a presença dos mesmos na vida dos filhos, ou seja, a ausência da figura de autoridade.

O tempo de permanência do parceiro no exterior chama a atenção para o distanciamento conjugal e a não vivência sexual da mulher durante a ausência do parceiro. Essa não vivência afeta uma das funções do casamento contemporâneo que é a satisfação sexual do casal. Ceccarelli (2002) nos aponta que a união entre um homem e uma mulher é um fato natural que ocorre a partir da escolha e para a satisfação de necessidades mútuas, ao mesmo tempo em que também cumpre a função de perpetuação da espécie humana e desenvolvimento da sociedade.

Nota-se que a segunda função foi cumprida por todas as entrevistadas, isto é, contribuir para com a perpetuação da espécie. Contudo, a primeira função passa e passou a ser negligenciada a partir da participação do parceiro no processo emigratório. Isoladas afetiva e sexualmente, na maioria das vezes por tempo indeterminado, esposas de emigrados aguardam que inúmeras circunstâncias se alinhem, criando possibilidades para o retorno do parceiro ao país de origem.

Diante do convite do parceiro em partir com ele para o exterior, as entrevistadas fizeram a escolha de permanecer no país. Entendem que tal escolha era a que mais poderia contribuir para o alcance dos objetivos que justificavam o envolvimento da família no processo. Pelo bem da melhoria das condições da família ou por motivos particulares, o viver esse distanciamento era a melhor opção.

Duas entrevistadas relataram que a escolha de ficar no Brasil aguardando o retorno do parceiro se deu por causa dos filhos. Segundo elas, as crianças não teriam com quem ficar e elas não gostariam de deixá-las com parentes ou outras pessoas. A fala de duas delas clarifica a noção de que deixar os filhos para trás seria praticamente impossível, apesar da insistência do marido. De alguma forma, entre a função materna e a função de companheira, sacrificar a segunda seria menos doloroso ou inadequada:

“Pra eu estar indo depois ... mas eu já desisti, porque de primeira a gente acha que vai ser fácil, tipo assim ele “tá indo a gente vai”, mas depois a gente fica pensando se fica sozinho (os filhos), porque pra levar todo mundo já fica difícil” (E. 41 anos).

“Várias vezes, depois eu desisti. Não fui porque eu mesma desisti. Apoiava (o marido), ele me ajudou muito, mas eu desisti por causa das meninas (filhas)” (D. 36 anos).

A decisão do parceiro de emigrar exige uma tomada de posição importante na vida dessas mulheres. Emigrar junto do marido, implicaria em viver distante dos filhos e ter suspensa a função materna. Para elas, o sacrifício de tal função seria mais difícil de aceitar, seja por questões sociais ou pessoais. Em decorrência, era preferível abrir mão de emigrar para viver junto do parceiro no exterior do que abrir mão de ficar junto dos filhos e aguardar o retorno do parceiro. Tal opção subtraiu a presença da figura masculina da vida dessas mulheres. Apesar da ausência do parceiro, tais mulheres deveriam dar continuidade à vivência do “ser esposa” durante a permanência do mesmo no exterior, embora por desejo ou ironia, não mais estariam cumprindo com a função de mulher ou pelo menos, de amante do parceiro. Na vida cotidiana das entrevistadas, o papel de mãe permanece mais presente durante a ausência do parceiro. Suas responsabilidades ficaram limitadas ao gerenciamento do lar, cuidado e educação dos filhos. Garantir o cumprimento dessa opção implicou em não mais pensar na possibilidade de unir-se ao parceiro no exterior deixando seus filhos para trás. Tal atitude é percebida na citação que se segue:

“Lacan (1974/1975) mostra que a mãe ocupar-se-á de seus filhos, em vez de gozar às custas deles, ao se oferecer como causa do desejo para um homem. Por não poder responder ao enigma do feminino, uma mulher pode tentar respondê-lo sendo A mãe. É a introdução da versão do pai que permitirá a limitação do gozo materno, pois a criança funciona como um condensador de gozo. É essa limitação ao gozo que assinala a transmissão da função paterna, da versão do pai, a *père-version*”. (LIMA, 2002, p. 219).

Esse comportamento é comum no que consiste o distanciamento conjugal e a não vivência afetiva e sexual com nenhum outro homem como o estudo em questão nos mostra. A não presença tanto física quanto simbólica do parceiro deixa uma lacuna na vida da parceira, permitindo assim que a esposa do emigrado preencha esse vazio exercendo a função de mãe, se entregando por completo a essa dedicação, deixando apagadas suas experiências de mulher. A não presença do pai ainda permite que a criança e mãe regridam para a primeira condição de relação mãe e filho, aonde não existe uma terceira pessoa.

As participantes demonstraram terem sentido medo e apreensão durante o processo de emigração do parceiro para o exterior. Uma delas relata claramente a angústia vivida diante da não comunicação com o parceiro durante esse processo:

“[...] com sessenta dias eu pensei que ele estava morto, sem nos comunicar. E eu achei que ele estava morto, a gente ficava anestesiada. A gente nem sabe o que pensar” (I. 40 anos).

“Pra te falar a verdade, eu nem sei te explicar como, porque foi duro viu, gente orou muito, nossa..., ia muita gente lá em casa, e falavam, estou incluindo seu marido em minhas orações e tudo” (I. 40 anos).

A maioria das entrevistadas associou a ida e permanência do parceiro no exterior com a dificuldade e o sofrimento por não poder contar com o apoio do mesmo no processo de educação e acompanhamento do crescimento dos filhos:

“Ah, muito ruim ficar longe dele né, a família, os filhos criados, praticamente sem ter ele perto, não foi bom não, mas... Fazer o que né” (I. 60 anos)

“Bom, eu trabalhava fora, aí saí do serviço, fiquei em casa pra dar mais atenção né [...]” (E. 41 anos)

“Na verdade o mais difícil é ficar sem ele, os filhos aceitar a distância do pai né. O mais difícil assim agente encontra quando separa [...] É isso né, um vai e o outro tem que ficar sozinho”. (D. 36 anos)

Esses relatos apontam para angústias diferenciadas. O primeiro está relacionado ao bem estar do parceiro, de como ele está, em qual lugar se encontra. Os relatos que seguem estão relacionados com a preocupação dessas esposas em dedicar mais tempo aos seus filhos. Esse comportamento pode ser avaliado por dois ângulos: o primeiro pela ausência do parceiro e o segundo pela preocupação com os filhos. Quanto à ausência do parceiro, encontravam dificuldades em preencher o tempo com outras atividades em substituição ao tempo anteriormente dedicado ao marido que até então não regressou do exterior.

Ao desejar e não poder realizar com o parceiro vivências mais íntimas como abraçar, beijar entre outras carícias, devido ao distanciamento, resta a essas mulheres opções limitadas de como experimentarem novas atividades no seu cotidiano. Partindo dos relatos dessas mulheres quanto aos comportamentos adquiridos, percebe-se uma predisposição em sacrificar a vida conjugal. Ao fazê-lo, promovem o recalcamento de seus desejos para dividir na distância com o parceiro, o sonho de um futuro melhor para a família.

Em função de uma manutenção familiar positiva, essas mulheres que vivem em via de mão dupla, dividindo uma vida conjugal com seu parceiro, mas mantendo-a à distância, comportam-se de maneira a evitar que haja motivos para que o marido que está no exterior dê fim ao relacionamento conjugal. Machado (2006) realiza uma pesquisa junto a mulheres que vivenciam um contexto de migrações transnacionais, na qual procura analisar os mecanismos que garantem a continuidade da relação familiar apesar da ausência física de um dos cônjuges. O autor relata

que muitas das entrevistadas adotam a estratégia de morar nas casas ou no terreno dos sogros, para manterem-se conscientemente vigiadas, ou ainda trazem para morar consigo suas próprias mães, sinalizando que a casa não está vazia. A submissão voluntária a essas estratégias de comportamentos adotados por essas mulheres demonstra publicamente o comprometimento com o parceiro emigrado e com o projeto migratório da família, no desejo de construir um futuro melhor para os filhos e para a família.

Uma das situações vivenciada por mulheres de emigrados que recebeu especial atenção nesse estudo diz respeito ao tema da traição feminina. Apesar dessas mulheres não contarem com a presença física do parceiro por longos períodos (meses ou anos), um ato de traição cometido por elas é altamente condenado.

“[...] pois parece que a desonra que ela implica também des-substancializa violenta e rapidamente aquelas relações do casamento: é como se o sêmen alheio fosse uma substância que contaminasse definitivamente um conjunto de relações, desonrando o marido e levando ao fim imediato daquelas relações”. (MACHADO, 2006, p. 18)

Ao utilizar do termo des-substancialização das relações do casamento, o autor pretende apontar para o momento em que a mulher, ao trair seu parceiro, rompe com todos os compromissos anteriormente firmados. Aos olhos da sociedade, o parceiro está trabalhando para sustentar a família que deixou no Brasil e está vivendo única e exclusivamente essa prática diária no exterior, com o intuito de dar melhores condições de vida para a mulher e seus filhos. Seguindo este raciocínio, para a sociedade, cabe a parceira do emigrante a função exclusiva de cuidar dos filhos e da casa e aguardar o retorno do parceiro.

Em se tratando do momento em que mais sentiram ou sentem falta do parceiro, as entrevistadas relataram ser quando seus filhos adoecem ou as desobedecem. A ausência da figura paterna é apontada como principal motivo de saudade da presença de uma figura masculina na família dentro de casa:

“Eu senti, senti sim, muita falta da presença dele, presença do pai né” (I. 60 anos).

“Muita. Muita falta, e pra questão de obediência, apesar dele ser muito pulso firme, a ausência do pai é sentida assim bem visível mesmo” (E. 41 anos).

“Sentida mais pelos filhos, eu também sinto, mas eu vejo uma carência muito grande e não compensa” (E. 41 anos).

“Assim, na educação dos filhos, quando fica desobediente aí às vezes sente falta pra ajudar” (D. 36 anos).

“Na educação da minha filha e na nossa vida pessoal” (A. 42 anos).

Nota-se mais uma vez que com a ausência do parceiro, a mulher dedica-se quase que única e exclusivamente aos cuidados dos filhos. As preocupações com estes dão sentido ao seu cotidiano mesmo diante das conseqüências adversas vivenciadas pela família, em decorrência do distanciamento. Em síntese, essas mulheres priorizam os filhos, mesmo quando a falta que sentem de seus parceiros como homens, chega ao extremo.

Um outro fator relevante que comprova a necessidade dessas mulheres mudarem seus comportamentos diante da sociedade diz respeito à fofoca. Segundo a pesquisa realizada por Machado (2006), foram relatados casos em que as esposas que ficaram, mudaram suas rotinas por completo, das mais variadas formas, com intuito de evitar que a fofoca acabasse com o casamento. Das entrevistadas, muitas tomaram a decisão de morar com os pais ou com algum parente próximo para evitar que os vizinhos e parentes do marido tivessem motivos de acusá-la de fazer alguma coisa errada. O autor salienta ainda que, de certa forma, a mãe substitui a figura do marido, dando “confiabilidade” àquela casa, onde reside a esposa do emigrado.

Tais observações podem também ser aplicadas às participantes do presente estudo. Em seus relatos ficou patente o enclausuramento a que devem se submeter. Na ausência do parceiro, devem limitar os espaços e lugares que desejam frequentar. Tal medida tem por objetivo evitar o surgimento de boatos e especulações de que estejam fazendo algo errado, acarretando em consequência o fim do relacionamento.

“[...] eu gosto de festa ao lado dele então eu prefiro não ir, chego lá sozinha, então eu prefiro ficar em casa. [...] Igreja, na casa da minha mãe, da minha sogra só” (D. 36 anos).

“Não saio, vou em eventos da escola e igreja só” (E. 41 anos).

“Pra ir na igreja, e, só pra sair pra ir na igreja e pra fazer compra, ir na casa de parente” (A. 42 anos).

Os exemplos citados apontam para uma realidade vivida por grande parte de esposas de emigrantes. Isto é evidente, sobretudo quando a preferência dessas mulheres em evitar que surjam boatos e fofocas, que possam por fim ao relacionamento conjugal é maior do que o desejo de ir a festas ou outros eventos que não envolvam religião e família. Dessa forma, pode-se perceber que

apoiar-se na religião e familiares dá uma segurança de que a parceira do emigrado não está fazendo algo errado ou traindo seu marido.

Machado (2006) salienta em sua pesquisa que o contato sexual da mulher com algum outro homem, que não o marido ausente, representa uma ameaça ao projeto de adquirir dinheiro e melhorar as condições de vida da família. Por isso a circulação de boatos sobre a integridade sexual das mulheres que ficam é tão relevante no cenário de Governador Valadares. Os boatos podem destruir os projetos de um casal, e a responsabilidade pelo rompimento desse projeto é muito mais atribuída à mulher. Socialmente tende-se a ver no fato dela ficar aguardando o retorno do marido e administrar o dinheiro que o parceiro envia do exterior, como sendo um privilégio.

Quatro das entrevistadas apontaram que a confiança é o principal aparador que sustenta um relacionamento. Segundo elas, a confiança é primordial para que o relacionamento perdure até o retorno do marido. Em relação à confiança das parceiras em seus maridos, quanto ao quesito traição, Machado é perspicaz quando diz:

[...] a traição masculina não ameaça tanto o casamento, uma vez que o dinheiro da remessa continue fluindo. Ela não pode ter certeza, e enquanto o marido envia o dinheiro há a evidência de que o casamento e os planos originais continuam a existir (MACHADO, 2006, p. 17).

A observação é pertinente, uma vez que essas esposas tomam como referência de que há ou não traição por parte de seus parceiros, através dos sinais remetidos por eles como as remessas de dinheiro e a comunicação com eles por telefone ou internet.

Considerações

finais

Aparentemente a última conquista do sexo feminino, “ser mulher”, constitui-se num ganho ainda não desfrutado por grande quantidade de mulheres. Muitas, por questões financeiras ou culturais são “convidadas” a vivenciar apenas outros papéis e, apesar de protestos, acabam por se renderem a tal convite.

No caso desse artigo, os fragmentos do discurso das entrevistadas aqui apresentados permitem construir a hipótese de que muitas das parcerias de emigrantes, contrariando as conquistas sociais que afetam o mundo feminino, acabam por abdicar do papel de ser mulher no intuito de conservar o relacionamento conjugal. Nesse processo, que caminha na contramão dos movimentos contemporâneos, elas se posicionam como participantes ativas do projeto do parceiro de emigrar,

conseguir dinheiro e retornar com a condição financeira melhorada, na expectativa de garantir um futuro melhor para a família.

Deixando para trás o lugar do “ser mulher”, essas parceiras desconsideram seus desejos e os apelos sexuais, transferindo toda a energia para o cuidado com os filhos e com o lar. Isso deixa claro que a terceira pessoa, a figura do pai, fica fora desse relacionamento por um bom tempo, muitas vezes por anos. Essa ausência do pai faz com que a parceira do emigrado, uma vez que abriu mão de seus desejos sexuais por não ter como satisfazê-los com outro homem senão seu parceiro, mesmo inconscientemente se esquece ou se acostuma a não sentir falta do parceiro como amante, vendo-o apenas como provedor e pai.

Mesmo com a possibilidade de que o parceiro emigrado encontre outra mulher, constitua outra família e deixe parceira e filhos desamparados, as que ficam, aguardam ansiosamente pelo marido e pela nova vida que terão. Prendem-se a essas “certezas” para que se sintam aliviadas ao fazer algum sacrifício em função do relacionamento. Sacrifícios que promovem a redução de seus espaços e lugares de vida, vivendo exclusivamente em função dos filhos, da casa e da expectativa de que um dia tudo irá mudar quando, por fim, o parceiro retornar do exterior.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. R.; MACHADO, A. P.; DIAS, C. A.; BOECHAT, C. S. Impactos do isolamento conjugal sobre a sexualidade da mulher do emigrado. In: XIII SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 13. Diamantina, 2008. **Anais**. Belo Horizonte, UFMG/Cedeplar, 2008. p. 01-10.

ASSIS, G. O. Rupturas e Permanências: os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações de gênero. In: ANPOCS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM CIÊNCIAS SOCIAIS, Caxambu1, 999. **Anais**. São Paulo: ANPOCS, v. 1, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CECCARELLI, P. R. Configurações Edípicas da Contemporaneidade: Reflexões sobre as Novas Formas de Filiação. **Revista de Psicanálise**, ano XV, n 161, p. 88-98. São Paulo: FEBRAPSI. 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FUSCO, W. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2, 1999, Ouro Preto. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 1999. p.317-341.

LIMA, G. G. A relação mãe-criança e a feminilidade: questões para a clínica psicanalítica. In: IV COLÓQUIO DO LEPSI/LUGAR DE VIDA, 4., São Paulo, 2004. **Anais**. São Paulo, IP/FE-USP. 2004. p. 215-220.

MACHADO, I. J. Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. In: 25ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Goiânia, 2006. **Anais**. Goiânia, UNICAMP 2006. p. 01-21.

RIPOLL, E. M. O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha. **Rev. bras. estud. popul.** [online]. 2008, vol.25, n.1, pp. 151-165.

SCUDELER, V. C. A Inserção de Imigrantes Brasileiros no Mercado de Trabalho dos EUA. **Net**. Campinas. Campinas: Unicamp, 1999.

SIQUEIRA, S. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Revista Nuevo Mundo**, Debates, 2007.

SIQUEIRA, S. Migrantes e Empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno. 2006. **Trabalho de conclusão de Curso** (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2006.